

Aulas de substituição . . . porque não?

Recentemente, os jornais e a televisão não se cansaram de mostrar manifestações de desagrado dos nossos alunos, em vários pontos do país, pela existência das aulas de substituição nas suas escolas. Em Lisboa, concentraram-se em frente do Ministério da Educação e, entre insultos e apupos à Ministra da Educação, deram largas à sua revolta. Junto ao Ministério da Educação, no mesmo dia, os professores faziam uma vigília, também ela manifestação de descontentamento, pelo decurso das negociações sobre o estatuto da carreira docente.

O aparente reforço dado pelos alunos ao descontentamento dos professores em nada os ajudou. Na verdade, a primeira pergunta que esta polémica suscita, é se há assim tantos professores que faltam para haver necessidade de tantas aulas de substituição. Também, se os alunos contestam tanto o conteúdo destas aulas, referindo-se a elas como inúteis, põem em causa a qualidade do trabalho desenvolvido, neste domínio, pelos professores.

Por outro lado, é conhecido também o desagrado de alguns professores em relação a esta medida, defendendo que os alunos precisam de tempos de lazer, que têm um currículo muito apertado, que passam muitas horas na sala de aula, o que justifica a irrequietude, a desconcentração e a hiperactividade de alguns e que, portanto, estes "furos" lhes seriam benéficos. Mas esta solução, também não nos parece uma solução do problema. Se o problema é o currículo apertado dos alunos, ataque-se o currículo.

Se concordarmos que faz parte dos deveres da escola preocupar-se com os tempos vazios dos seus alunos, quando deviam estar em tempo de aulas, os professores que nela trabalham têm de oferecer alternativas para cobrir as suas eventuais faltas e as dos seus colegas. Trata-se da partilha de uma dinâmica de responsabilidade que deve ser transmitida aos alunos e à comunidade e que passa por uma organização interna da escola.

Porém, o desconforto de alguns professores ao terem de assumir estas aulas

têm justificações compreensíveis que têm de ser tidas em conta. A má vontade que alguns alunos manifestam na ocupação dos seus "furos", traduzida, muitas vezes, numa indisciplina difícil de controlar e na recusa sistemática das tarefas propostas, aliada ao facto de o professor poder ter uma especialidade diferente da do colega que faltou, tornam esta parte da componente não lectiva difícil de gerir. Mas estas dificuldades não podem justificar que se ocupem os alunos com tarefas de entretenimento, como jogos de cartas, ou outras sem objectivos educativos claros.

Se, por razões várias, a aula de substituição não puder dar continuidade ao trabalho do professor que falta, ela pode ser sempre um espaço onde se desenvolvem competências de estudo e de formação cívica ao alcance de qualquer professor.

Pensamos que é necessário ter flexibilidade para dar espaço aos alunos que quiserem, por exemplo, estudar em conjunto, realizar trabalhos em curso, pesquisar temas ou tirar dúvidas uns com os outros. Deste modo, poder-se-á alargar a concepção da escola a um local onde as "stóras" não têm como única função "dar as matérias", nem os alunos a única função de as receber.

As aulas de substituição, sendo um recurso com cariz esporádico, têm que ser sentidas pelos alunos, e também pelos professores, como um espaço de trabalho em que todos se devem empenhar, num sentido de co-responsabilização, para que sejam tempos úteis.

M^a José Bóia

Alice Carvalho

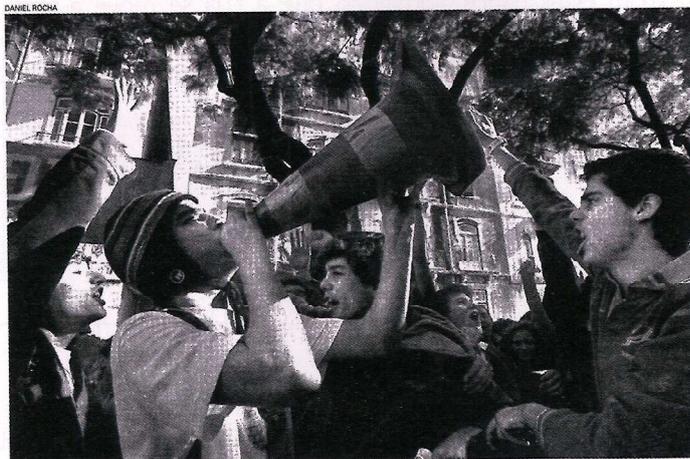
Alunos saem à rua num protesto convocado por SMS e Net contra aulas de substituição

JS diz que Fenprof esteve por trás da manifestação em Lisboa

A mensagem foi sobretudo passada por sms (mensagem escrita de telemóvel) e por messenger (sistema de conversação na Internet). Apelava à greve às aulas de substituição, tornadas obrigatórias este ano também no ensino secundário, com o objectivo de pôr fim aos furos escolares, e pedia a quem a recebesse que a reenviasse aos colegas.

"Passa este mês a todos estudantes k conheceis. Vams fazer com k est sms passe por Portugal inteiro...". Assim se lê no telemóvel de Pedro, um dos cerca de 400 alunos que ontem de manhã se concentraram em frente ao Ministério da Educação (ME), em Lisboa. Entre insultos e palavras de ordem contra a ministra da Educação, Maria de Lurdes Rodrigues, davam conta da sua revolta contra as aulas de substituição, em que "não se faz nada". "Joga-se à força e aos países" e onde os "stóres estão contra vontade".

Em várias cidades do país, mais algumas centenas de alunos responderam ao apelo, faltando às aulas e manifestando-se nas ruas. Na região de Lisboa, pelo menos duas escolas - Fonseca Benevides e Secundária da Pontinha - foram fechadas a cadeia pelos alunos. Na escola básica dos 2.º e 3.º ciclos Gonçalves Crespo, também na Pontinha, os estudantes impediram a entrada dos professores e a polícia teve de intervir, relata a Lusa. Um estudante de 15 anos agradeceu a



Algumas centenas de jovens concentraram-se ontem em frente ao Ministério da Educação

pontapé um agente da PSP. "É tempo que podíamos aproveitar para estudar na biblioteca em vez de estarmos com uma 'stóra' que não sabe nada da matéria que devíamos estar a dar", explicavam duas alunas que participavam pela primeira vez numa manifestação em frente ao ME. "Estamos no secundário, não no infantilário", lia-se num cartaz.

"Tentativa de perturbação" Os exemplos do que consideram uma situação sem "qual-

quer fundamento" sucediam-se. "No outro dia a professora de Matemática foi substituída por uma de francês. E nós não temos francês!", continua Filipe Torraão, aluno do 12.º da Secundária Ferreira Dias, no Cacém. "Outras vezes são substituídos por professores do 7.º e do 8.º ano. Uma disse no outro dia que não fazia sentido nenhum estar ali. Que apenas se estava a desgastar. A culpa nem é deles [professores]. É da ministra, que tomou esta medida sem

arranjar condições", defendia Susana, 17 anos. Em declarações à Lusa, o secretário de Estado Adjunto e da Educação, Jorge Pedreira, estranhou "a coincidência óbvia" entre os protestos dos alunos e o arranque da negociação suplementar relativa ao Estatuto da Carreira Docente (ECD). "Queria registar, e ao mesmo tempo lamentar, que haja esta tentativa de perturbação da vida normal das escolas, por coincidência no mesmo dia em que retomamos

a negociação sobre o ECD." Sem ambiguidades e em comunicado, a Juventude Socialista acusou a Fenprof de "tentar compensar o fracasso da vigília dos professores em frente ao ME com uma manifestação de estudantes do ensino secundário". Jorge Pedreira aconselhou ainda os alunos a apresentarem as suas queixas junto dos conselhos executivos. A tutela "dará todo o apoio para a resolução desses problemas", garantiu. ■ ISABEL LEIRIA

In Público, 17 de Novembro de 2006.